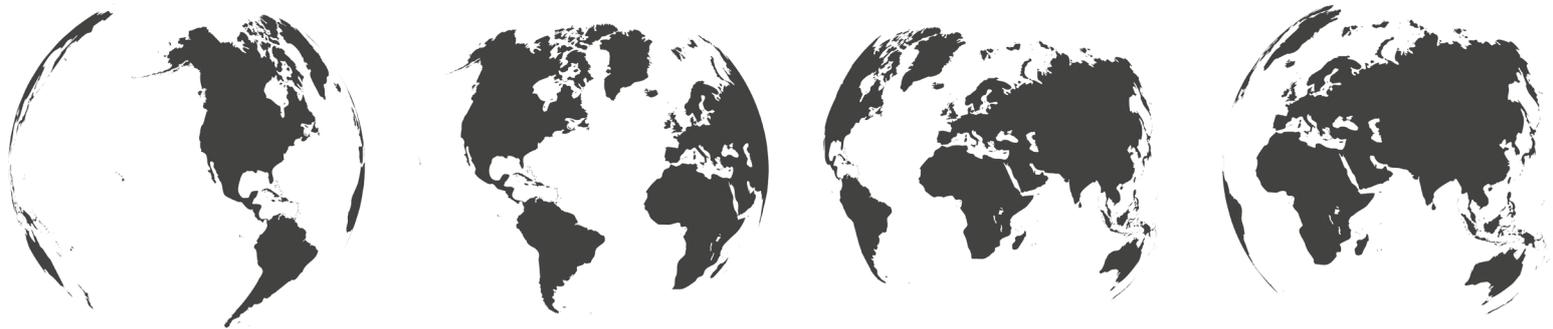


Cultura, História e Sociedade Global



**Denise Pereira
(Organizadora)**

Cultura, História e Sociedade Global



**Denise Pereira
(Organizadora)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, história e sociedade global [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-027-8 DOI 10.22533/at.ed.278202804 1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Pereira, Denise. CDD 353.70981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fala-se muito de cultura, mas nem todos sabem exatamente do que estão falando. Uma definição exata e definitiva seria muito difícil de obter, pois depende de alguns fatores, como: a visão sociológica, antropológica, filosófica, além do sentido que se quer da à cultura. É importante conhecer as definições de cultura, pois é através de nossa cultura que conhecemos nosso passado.

Conhecer e entender esse passado dará a significação e a afirmação de nossa identidade cultural, da nossa história. Por meio da compreensão de cultura teremos um caminho para conhecer, assimilar e analisar nossa história, e principalmente dentro de uma sociedade global.

Ao mesmo tempo devemos compreender, que por meio de uma nova sociedade, ou seja, uma sociedade globalizada ampliaram-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais, transformações das configurações da economia, da política, da educação, principalmente dos percursos da história.

Este e-book vem conduzir a discussão dentro desta perspectiva: Cultura, História e Sociedade Global.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA POPULAR: CONCEPÇÕES HISTORIOGRÁFICAS	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2782028041	
CAPÍTULO 2	11
ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: O REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM <i>HAUTE SURVEILLANCE</i> , DE JEAN GENET	
Nilda Aparecida Barbosa Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.2782028042	
CAPÍTULO 3	29
ANÁLISE DO POTENCIAL DA LEI DA TV PAGA PARA DESCENTRALIZAÇÃO DOS RECURSOS DISPONÍVEIS NO SETOR AUDIOVISUAL BRASILEIRO	
Roberta Filizola Custodio Barroso Samantha Claret Capdeville	
DOI 10.22533/at.ed.2782028043	
CAPÍTULO 4	37
BALIZAMENTO BUROCRÁTICO PARA ASSINATURA DE ACORDOS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL VISANDO OTIMIZAR A GESTÃO PÚBLICA UNIVERSITÁRIA	
Alexandre B. Colle Luciane Stallivieri Gabriela Guichard de Lima Beck	
DOI 10.22533/at.ed.2782028044	
CAPÍTULO 5	57
ANÁLISE DOS METAPLASMOS PRESENTE NA ORALIDADE DE IDOSOS EM UMA COMUNIDADE NO INTERIOR DE ABAETETUBA	
Paulo Ronaldo Nogueira Rodrigues José Eduardo Pastana Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2782028045	
SOBRE A ORGANIZADORA	64
ÍNDICE REMISSIVO	65

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: O REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM *HAUTE SURVEILLANCE*, DE JEAN GENET

Data de aceite: 20/04/2020

Nilda Aparecida Barbosa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. (Maringá – Paraná)

Roselene de Fátima Coito

Professora/orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. (Maringá – Paraná)

RESUMO: O filósofo francês, Michel Foucault, produziu um percurso teórico que aborda, entre outras coisas, as relações de poder na sociedade. No entanto, este poder se dá em rede. Dito de outra forma, há uma relação de forças não só entre dominantes e dominados, como também entre dominantes e dominantes e dominados e dominados, chamados, então, de micropoderes. Neste sentido, deter-nos-emos na questão do espaço onde esta relação de forças, e conseqüentemente de poder, se dá e, para isso, analisaremos o texto *Haute surveillance* (1949), de Jean Genet, cujo enredo traz a história de três prisioneiros que disputam numa mesma cela uma posição de poder. Diante disso, o objetivo deste texto é refletir sobre como se constituem estas subjetividades ao se posicionarem nesta relação de poder no espaço fechado da cela, utilizando os conceitos de heterotopia e utopia

os quais Foucault (1993) apresenta por meio de seis princípios que regem a organização dos espaços sociais. Então, focalizando a questão do espaço em *Haute surveillance*, neste texto, buscamos entender, em alguns princípios que regem o espaço da cela, tendo em vista que esses lugares estão em estreita relação com os sujeitos que o ocupam, revelando uma rede de poder que os sustentam oficialmente por meio da instituição e por meio das regras criadas pelos próprios detentos.

PALAVRAS-CHAVE: utopia/heterotopia; dispositivo prisional; Jean Genet

BETWEEN HETEROTOPY AND UTOPIA: THE REGIME ORGANISATION OF SPACE IN *HAUTE SURVEILLANCE*, BY JEAN GENET

ABSTRACT: The french philosopher, Michel Foucault, produced a theoretical path that talks about, among other things, power relations in society. However, this power occurs in a network. In other words, there is a relation of forces not only between dominant and dominated, but also between dominant and dominant and dominated and dominated, then called micropowers. In this sense, we will dwell on the question of the space where this relation of forces, and consequently of power, takes place and, for that, we will analyze the text *Haute Surveillance* (1949), by Jean Genet, whose plot brings the story of

three prisoners vying for a position of power in the same cell. Given this, the objective of this text is to reflect on how these subjectivities are constituted when positioning themselves in this power relation in the closed space of the cell, using the concepts of heterotopy and utopia which Foucault (1993) presents through six principles that govern the organization of social spaces. So, focusing on the question of space in *Haute Surveillance*, in this text, we seek to understand, in some principles that rules the space of the cell, considering that these places are in close relation with the subjects that occupy it, revealing a network of power that officially support them through the institution and through the rules created by the detainees themselves.

KEYWORDS: utopia/heterotopy; prison device; Jean Genet

1 | INTRODUÇÃO

Haute surveillance (1988), de Jean Genet, é uma peça de teatro que “narra” a história de três detentos dentro de uma prisão, revelando as relações de poder que se desenvolvem no microcosmo da cela. Este pequeno espaço é o lugar das tensões, do desejo de poder e do entrecruzamento de outros espaços. O enredo gira em torno dos personagens Yeux-Verts, Boule de Neige, Lefranc e Maurice; os primeiros mostrando pelos sinais de força e violência o porquê são considerados líderes dentro daquele microcosmo e os outros dois tentando encontrar uma posição junto aos líderes como forma de proteção naquele ambiente.

Assim, tomando a prisão como um dos dispositivos¹ apresentado por Foucault, dentro do qual o poder se exerce, apresentamos também o conceito de heterotopia para compreender como um lugar tão pequeno congrega tanta tensão e disputa de poder partindo da posição que cada sujeito ocupa nesse espaço e, que ao ocupá-lo, este sujeito vai constituindo a sua subjetividade.

Dentro da cela o poder é exercido por Yeux-Verts, mas dentro da prisão há uma hierarquia que deve ser obedecida e, nesse caso, o poder vem de fora na figura de outro prisioneiro, Boule-de-Neige cujo domínio se estende a todo o complexo prisional no olhar de Yeux-Verts e de seus companheiros. Para sobreviver nesse ambiente hostil há que cumprir determinados requisitos sem os quais não se permanece muito tempo ali. Nesse sentido, compreendemos quando Foucault (2001) afirma que certos lugares têm seu modo de organização, seus ritos de passagem e permanência.

Um texto destinado ao palco, como é o caso de *Haute surveillance*, é constituído por personagens circunscritos a um espaço como fator de produção de sentido. Tendo como foco essa circunscrição espacial, nosso intuito é analisar a peça de Genet partindo dos conceitos de dispositivo da prisão e do conceito de heterotopia,

¹ De acordo com Revel, o termo-conceito dispositivo, por definição são de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes: é assim que Foucault chega a falar, segundo o caso, de “dispositivo de poder”, de “dispositivo de saber”, de “dispositivos disciplinares”, de “dispositivos de sexualidade” etc. (2005, p.39)

observando como vão se constituindo estas subjetividades que se constroem a partir do olhar de si e do outro, inseridos e limitados em/por um espaço, revelando a rede de poder em que cada um se movimenta e se subjetiva. Desse modo, vamos utilizar textos de Michel Foucault que abordam o tema do espaço, da prisão, do poder em alguns excertos da peça *Haute surveillance*, de Jean Genet (1988), procurando observar esta relação de poder de cada personagem nesse pequeno espaço da cela, pois os três detentos buscam subjetivar-se numa posição de poder que os sustente ali na tentativa da sobrevivência neste lugar.

Antes de adentrar no tema da pesquisa, vamos percorrer alguns textos nos quais Foucault discute sobre a prisão e as formas de organização dos espaços. Em seguida, tomaremos seus apontamentos sobre a prisão e o conceito de heterotopia para o entendimento da “organização social” deste/neste microcosmo que é a cela.

2 | DO DISPOSITIVO PRISIONAL E A PRISÃO COMO ESPAÇO DE SEPARAÇÃO

O texto “A vida dos homens infames” (1977), é interessante para se observar como os sujeitos eram separados da sociedade por causa de seus delitos. Esse estudo realizado por Foucault descortina as relações de poder a partir das “*lettres de cachet*”, petições dirigidas ao rei, pedindo a prisão para alguns sujeitos que representavam, de algum modo, um perigo para aquela sociedade. Essas vidas insignificantes que Foucault analisa são ligadas em seus problemas pela questão do poder que regulamenta sua vivência. Segundo o filósofo, se não fosse esse olho do poder, esses seres passariam pela existência sem deixar rastros. Como ele afirma:

O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar [...],(FOUCAULT, 1977, p.4.).

Estudando os mecanismos que regiam essa sociedade, ou seja, as formas pelas quais os sujeitos eram levados a produzir essas petições, como elas chegavam até o rei, Foucault conclui que somente pelo dispositivo da confissão pode se compreender essas relações entre o sujeito que pede e o rei que deve julgar se tal pedido era procedente ou não.

Outro aspecto ligado a esse período, refere-se ao poder exercido pela igreja que conhecia o cotidiano dos fiéis pela confissão, exercendo assim seu poder sobre todas as vidas. Na confissão tudo era dito, mesmo os fatos banais, e depois apagado pelo ato da penitência. Mas no final do século XVII, esse mecanismo se encontrou enquadrado e ultrapassado por outro cujo funcionamento era muito diferente – o agenciamento administrativo e não mais religioso; mecanismo de registro e não mais

de perdão. O objetivo, no entanto, era o mesmo, passar o cotidiano para o discurso. Assim, os mecanismos da confissão saem do religioso e passam ao administrativo no qual tudo passa a ser escrito, constituindo dossiês e arquivos. A voz que antes era apagada pela penitência agora é substituída por vozes múltiplas que se depositam em uma enorme massa documental e constituem assim, a memória crescente de todos os males do mundo, estabelecendo novas relações entre os sujeitos e o poder.

Analisando os infortúnios dos sujeitos dessa época já distante, Foucault observa como se operam as relações de poder entre as pessoas e aqueles que detêm o poder e como esses mecanismos de punições vão se modificando, se aperfeiçoando. Por isso, ele afirma:

Com o dispositivo de petições, das *lettres de cachet* com ordens de prisões, de internamento, da polícia, nascerá uma infinidade de discursos que atravessa o cotidiano em todos os sentidos e, se encarrega, mas de um modo diferente da confissão. As pequenas histórias de sofrimentos saem da confissão, de um certo anonimato e ao poucos podem e devem ser descritas, sobre eles caem o olhar branco do poder, (FOUCAULT, 1977, p.10).

O dispositivo da confissão, para Foucault, foi se modificando ao longo da história. Ele pode ser visto na psiquiatria, no consultório médico, mas também em outros meios que lhe permitem vir a público como em revistas e na internet quando o sujeito é levado a confessar-se por outros motivos diferentes daqueles dos primeiros tempos da religião. Na contemporaneidade, o poder ainda se exerce com outros mecanismos. Assim, para Foucault, o homem é um sujeito confessional. Nesse aspecto os personagens da peça *Haute surveillance* se dão a conhecer por esse falar ao outro, muito embora, sejam bastante diferentes as motivações que os levam a falar de si mesmos. Quando esse sujeito se confessa ao outro é que nos permite ver também as garras do poder e, nesse sentido, funcionando o dispositivo da prisão, ou seja, são relações de poder que se entrecruzam ao mostrar a vida desses homens infames cujas vidas estão prestes a se apagar².

No capítulo VIII, “sobre as prisões”, em *Microfísica do poder*, Foucault analisa esse tema complexo refletindo sobre seu surgimento e seu exercício pelo poder oficial em diferentes épocas e sociedades. Observa que, se em um período é preciso segregar essas populações nas prisões como forma de proteger a sociedade, por outro lado há também sua utilização para movimentar a economia e a política. A esse respeito, ele comenta que Napoleão III tomou o poder graças a um grupo constituído, ao menos em seu nível mais baixo, por grupos de delinquentes de direito comum. Por isso, procura refletir sobre a prisão em todos os aspectos e não apenas do ponto de vista da instituição. Desse modo, nesse capítulo, ressalta:

2 Não é nosso intento analisar a peça pelo prisma da confissão neste artigo, mas notamos que esse dispositivo também está presente na construção do texto de Jean Genet, pois um dos meios de expressão do teatro é a fala e é o falar de si e dos outros que deixa entrever o dispositivo da prisão.

Não haveria sentido em nos limitarmos aos discursos formulados sobre a prisão. Há igualmente aqueles que vêm da prisão: as decisões, os regulamentos que são elementos constituintes da prisão, o funcionamento mesmo da prisão que possui suas estratégias, seus discursos não formulados, suas astúcias que finalmente não são de ninguém, mas que são, no entanto, vividas, assegurando o funcionamento e a permanência da instituição, (FOUCAULT, 1993, p.130).

Ao falar dos propósitos das prisões, da relação vigiar e punir, do objetivo de transformar o indivíduo, Foucault (1993, p.132) comenta: “Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade”. Para Foucault houve, como sempre nos mecanismos do poder, uma utilização estratégica daquilo que era inconveniente. A prisão fabrica delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico como no político.

Mais adiante, em seu texto, o filósofo observa como os mecanismos de poder vão se articulando em torno dessa questão e se modificando, atendendo às necessidades políticas e econômicas, ou seja, a delinquência menor passa a ser tolerada em certos aspectos, porque calcula-se o prejuízo que provoca em termos econômicos e, observa-se que o custo em manter o delinquente na prisão é maior que o prejuízo pelo roubo praticado. Foucault (1993, p.135) menciona a existência de: “uma linha de separação entre infração tolerável, e tolerada, e delinquência infamante, ou se está diante de uma simples distensão do sistema que, dando-se conta de sua solidez, pode aceitar dentro de seus limites algo que enfim não o compromete”.

Foucault localiza o surgimento de laços entre o poder oficial e os delinquentes nos anos de 1840 quando o sistema percebe que a prisão cria delinquentes e não os transforma em pessoas honestas. A partir da percepção dessa falha no sistema começa essa relação que vai apenas modificando seus modos de atuação ao longo dos séculos. É o surgimento dessas relações que também fará aparecer os heróis da literatura ligados ao crime. Assim, ele evidencia:

O fenômeno do interesse estético, literário, que se começa atribuir ao crime, a heroificação estética do crime. [...] Por volta de 1840 surge o herói criminoso, herói porque criminoso, que não é nem aristocrata, nem popular. A burguesia se dá agora seus próprios heróis criminosos. É nesse momento que se constitui o corte entre os criminosos e as classes populares: o criminoso não deve ser um herói popular (como era no século XVIII), mas um inimigo da classe dos pobres, (FOUCAULT, 1993, p.136-137).

Para Foucault, o discurso da criminologia é totalmente utilitário porque como o sistema prisional não transforma o homem para melhor; é preciso, então, da ajuda do discurso médico para justificar as medidas punitivas que, no fundo, não visam essa transformação do homem como se pensava com o sistema prisional do século

XVIII. Assim, em seus estudos sobre os homens infames do século XVII já observa como a soberania política se dá no nível mais elementar do corpo social; de súdito a súdito; nas relações de vizinhança, de rivalidades, toda uma cadeia política vem entrecruzar com a trama do cotidiano.

3 | HETEROTOPIAS E ESPAÇOS DE CONFINAMENTO ENTRE RELAÇÕES DE PODER

Em *As palavras e as coisas* (2000), Foucault menciona como surgiu o conceito de heterotopia ao ler um texto do escritor argentino Jorge Luis Borges; em 1966, no artigo “La pensée du dehors” (O pensamento do fora), volta a mencionar o tema do espaço e, no artigo de 1967, “Des espaces autres”, (Outros espaços) escrito na Tunísia e publicado em 1984, o filósofo retém seu olhar mais uma vez sobre esse conceito. Contudo, para este momento, tomamos com referência o artigo “Outros Espaços” (1984).

Neste texto, o filósofo apresenta a relação do sujeito com o espaço desde a Idade Média, ao afirmar que nesse período os espaços eram organizados na forma de oposição, ou seja, lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e não-protegidos, lugares urbanos e lugares rurais. Nestes lugares, segundo o filósofo, as pessoas sabiam exatamente qual posição ocupava nesse lugar. Todavia, a descoberta de Galileu de que a Terra era redonda, ampliou essa noção de espaço em sua extensão, deslocando o sujeito para um espaço mais amplo, infinito em certa medida, e para o qual ele não estava habituado.

Segundo Foucault, atualmente, não se trata do problema da extensão enfrentado pelo sujeito da Idade Média; trata-se do posicionamento – definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos. Em todas as formas de organização social, o sujeito é confrontado com a localização, por isso, Foucault afirma que em nossa época o espaço se oferece sob a forma de relações de posicionamento. E, em relação a esse posicionamento que o sujeito ocupa no espaço moderno, para o estudioso ainda persiste a sacralização de alguns lugares como o espaço público e o espaço privado, o espaço da família e o espaço social. Mas, esses espaços não são isolados, pois entrecruzam-se em dado momento, o que leva o filósofo a compreendê-los enquanto conjunto heterogêneo, ou seja, a sociedade estabelece diferentes lugares onde compartimenta os sujeitos e coisas, mas mesmo divididos eles mantêm uma relação com o todo. Afirma Foucault:

O espaço no qual vivemos, que nos conduz para fora de nós mesmo, no qual nosso tempo e nossa história acontecem, o espaço que agarra e nos ataca, é também em si mesmo um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos numa espécie de vazio dentro do qual poderíamos colocar os indivíduos e coisas. (FOUCAULT, 2001, p. 414)

A partir de tais discussões Foucault salienta que esses espaços são de dois tipos principais: as utopias e as heterotopias. Utopias são lugares sem uma localização real. São lugares que têm uma relação geral de analogia direta ou invertida com o espaço real da sociedade. Em todo caso, são espaços irreais, mas que existem. Heterotopia parte da constatação que em todas as culturas há lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na constituição da sociedade e que são algo como utopias efetivamente realizadas nas quais os lugares reais são simultaneamente representados, contestados e invertidos.

Para descrever as heterotopias, ou seja, para mostrar a relação desses lugares na sociedade, Foucault enumera seis princípios que são os modos de organização desses lugares. São eles: heterotopia de crise ou de desvio, de função, de justaposição, de tempo, de abertura e fechamento e, por fim, de ilusão e compensação. No âmbito desse artigo, nos limitaremos apenas a três desses princípios para discutir a peça de Jean Genet, por serem elas mais proeminentes e pertinentes ao recorte do *corpus* aqui tratado.

Partindo das sociedades primitivas, o estudioso observa como eram esses espaços nos quais a sociedade se movia e se separava, tendo em vista as regras de cada sociedade, como por exemplo, em algumas sociedades tidas como primitivas em que há, ainda, a separação do adolescente quando o mesmo atinge a puberdade, o qual precisa passar por rituais afim de entrar para o mundo adulto. Esta separação espacial, o filósofo denomina de heterotopia de crise.

Tais modos de organização foram desaparecendo ou dando lugar a outras formas, mas ainda permanecem alguns resquícios na sociedade moderna. Na sociedade moderna, embora ainda haja sociedades que mantenham regras próprias, como as indígenas, por exemplo, há separações motivadas por outros fatores, que estão diretamente ligadas às normas sociais de convívio. Para aqueles cujo comportamento é de desvio (transgressivo), a sociedade criou a prisão. Foucault denomina de heterotopia do desvio esse espaço reservado àqueles que não podem participar do convívio comum, assim temos: as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões. Todavia, alguns desses sujeitos podem estar no limiar dos dois grupos, de crise ou de desvio.

Para Foucault, o sujeito moderno estabelece suas relações a partir de um posicionamento que ocupa no espaço. Desse modo, o conceito de heterotopia e utopia nos permitirá refletir sobre as relações de poder estabelecidas entre os prisioneiros, da peça de Genet, a partir do microcosmo da cela. O princípio de desvio é o primeiro a ser abordado, pois é aquele que separa os sujeitos que não podem mais viver em sociedade.

Outro tipo de distribuição do espaço, postulado pelo filósofo como quinto

princípio, é aquele que funciona num sistema de abertura e fechamento. São lugares em que se deve haver permissão de entrada e de saída, tornando-se isolados, mas ao mesmo tempo penetráveis. Nessa heterotopia de abertura e fechamento encontram-se as prisões, os lugares religiosos cuja função é a purificação do sujeito, as casernas, etc.

Já o sexto princípio descrito por Foucault aborda as heterotopias cuja função é criar uma ilusão ou uma compensação em relação ao real, funcionando em polos extremos como, por exemplo, os bordéis, alguns locais de veraneio e as colônias. No caso dos bordéis, de acordo com o filósofo, (1993, 420-421), cria-se, “um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos em posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada”. O sujeito toma esses espaços idealizados por um período curto como forma de renovação de suas forças e depois volta integrar o antigo espaço a que pertencia. Caso quisesse permanecer muito tempo, esse espaço deixaria de cumprir sua função, por isso uma de suas regras é de que a sua utilização seja por tempo determinado.

Então, diante do posto até o momento, passamos a apresentação breve do que venha a ser uma peça de teatro, para posteriormente fazermos nossas análises.

4 | HAUTE SURVEILLANCE: DO TEXTO DRAMATÚRGICO E DE JEAN GENET

Considerando que o texto em estudo é uma peça de teatro apresentaremos sucintamente os elementos que o constituem. Em geral, a peça de teatro é constituída de diálogos, de indicações cênicas (estrutura que nomeia quem está com a palavra, em que momento intervir, quais sentimentos expressar pelo corpo e palavras), de monólogos, de relatos de personagens organizados num espaço e num tempo. Segundo Marie-Claude Hubert (2003), no sistema dramático não há discurso comentado e descrição, aspectos próprios da narrativa que comportam múltiplos pontos de vista de acordo com as escolhas do narrador. No teatro há uma dupla mediatização do discurso; quando o autor se exprime por meio dos personagens e do ator.

No que concerne ao teatro francês, especificamente, do início do século vinte e, principalmente, nos anos cinquenta, observamos um alinhamento com as grandes transformações que aconteciam em toda a Europa. É nessa época que ocorre o abandono de regras como unidade de ação e de tempo, resquícios do período clássico, segundo Hubert (2003), Ryngaert (1998) e Roubine (2003). A França se abre às influências estrangeiras e estas se fazem presentes em muitos textos dos dramaturgos desse período e as alterações mais visíveis apontam para nova forma de composição que não se fixa somente na estrutura de atos e cenas, mas também em quadros e jornadas; os personagens são apresentados por meio de muitos

pontos de vista utilizando tanto a palavra quanto o corpo como meio de expressão, além da incorporação de outras linguagens como, por exemplo, narrativas, excertos de filmes, etc.

Jean Genet (1910-1986) participa desse momento cultural efervescente propondo temas bastante polêmicos para a época. *Haute Surveillance* é uma peça de teatro escrita em 1949, e representada pela primeira vez no teatro des Mathurins, no mesmo ano, por Jean Marchat. É uma peça em um único ato e em seu enredo temos a história de três prisioneiros colocados em uma mesma cela: Yeux-Verts, Lefranc e Maurice. Yeux-Verts matou uma mulher e aguarda julgamento e os outros dois estão presos por crimes menores, como roubo e, Lefranc está prestes a deixar a prisão. Maurice admira profundamente Yeux-Verts e coloca-se ao seu lado; Lefranc também o admira, mas não admite esse sentimento com clareza. Como Maurice é muito próximo de Yeux-Verts, Lefranc sente ciúmes e, a disputa entre os dois para ver qual é o preferido de Yeux, leva Lefranc a assassinar Maurice igualando-se a Yeux-Verts como assassino e cuja pena será a mesma.

O enredo transcorre num clima de conversação monótona e, às vezes tenso, no qual os prisioneiros vão se desvelando ao falarem de si, de seus dramas pessoais, procurando construir uma imagem de si que agrada mais ao companheiro que domina o ambiente e também com o intuito de consolidar uma posição naquele espaço. Por isso, percebe-se momentos de tensão quando se acirram as disputas por posições e o momento mais tenso é no fim quando há o assassinato de Maurice pelo colega Lefranc. A peça termina com a chegada dos vigilantes.

É esse conflito transformado num jogo de poder entre os dois prisioneiros, Lefranc e Maurice e, alimentado por Yeux-Verts, que vamos analisar sob a perspectiva do conceito de dispositivo da prisão e do conceito de heterotopia.

5 | ENTRE HETEROTOPIAS E UTOPIAS: A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM HAUTE SURVEILLANCE

5.1 Heterotopia do desvio e utopia

A peça *Haute surveillance* tem como enredo a relação de três prisioneiros de uma mesma cela: Yeux-Verts, Lefranc e Maurice, como já fora dito. Quem tem domínio sobre os dois últimos é Yeux-Verts, mas quem tem o comando da prisão é outro condenado, Boule de Neige. Este se torna o assunto da conversa logo no início do texto, porque Lefranc tenta desqualificar Yeux-Verts em razão da superioridade do outro. Disto isso, passamos agora a relacionar os conceitos de Foucault sobre os modos de organização dos espaços com a obra de Genet, buscando compreender os sentidos que decorrem a partir das posições de poder que os prisioneiros ocupam nesse ambiente. Primeiramente, retomamos o pensamento do filósofo a esse

respeito.

Foucault (2001) afirma que todas as sociedades têm suas heterotopias, ou seja, sua organização dos espaços. Nesse sentido, a prisão é um espaço heterotópico criado para colocar os sujeitos que desviam da norma. Quando explica os princípios de organização dos espaços, o filósofo coloca a prisão dentro do primeiro princípio, sendo uma de suas características modernas, pois desde as sociedades primitivas há espaços para colocar aqueles que transgridem as normas. Nesse sentido, os personagens de Jean Genet são a escória da sociedade. Os três personagens estão na prisão porque cometeram algum crime. Dentre os três, Yeux-Verts é o mais temido por ter assassinado uma jovem e os outros dois foram presos pela prática de roubos. Todavia, as histórias de suas aventuras criminais não entram na pauta das conversas, mas o que fizeram e o lugar no qual se encontram pelo que fizeram, os constitui como sujeitos. Desse modo, ser um tipo de criminoso agressivo ou não, define o espaço que se ocupa na cela e no sistema prisional.

A posição de Yeux-Verts dentro da cela é definida por seu comportamento violento, como podemos ver: “Preciso ter rins sólidos, eu, de um soco só eu vos acalmo, deixo vocês sobre o cimento”, (Genet, 1988, p. 16). Mas isso se dá porque sua posição, sua verdade, a de ser um sujeito forte com autoridade, está sendo posta à prova por outro detento, Lefranc. A posição que Yeux-Verts ocupa precisa ser legitimada dentro e fora do cárcere e a legitimação vem por meio de outro prisioneiro, Boule de Neige, cuja posição se destaca no complexo prisional, como podemos ver pelo excerto:

Lefranc: É um selvagem, um negro, mas que solta faíscas, Olhos-Verdes.

[...]Yeux-Verts?Boule de Neige, ele te esmaga. (p.16)

Mas Boule de Neige é um cara que ronca e você não existe mais. Ele faz sombra. Ninguém pode destruí-lo. Nenhum detento pode apagá-lo. É um durão e que vem de longe.

[...]Boule de Neige? Ele é exótico. Todos de sua cela o reconhecem. Aqueles das celas do lado e de toda a fortaleza, e de todas as prisões na França. Ele brilha, ele irradia. Ele é negro e ele ilumina as duas mil celas. Ninguém pode abatê-lo. Ele é o verdadeiro chefe da fortaleza e todos de seu bando são mais terríveis que ele... (*Ele designa Yeux-Verts.*) É suficiente vê-lo andar.

Maurice: [...]Boule de Neige, é um cara bem forte. Se tu quiseres, seria Yeux-Verts passado tinta.

Lefranc:Yeux-Verts não resiste a isso!

Yeux-Verts, (*parando e o olhar calmo para Lefranc*):Jules, basta. Eu não procuro me fazer passar por um rei. Na fortaleza não há mais monarca e Boule de Neige é somente mais um. Não creia que ele me impõe isso. Seus crimes são, talvez, vento. (GENET, 1988, p. 16-20. Trad. livre)

A imagem de Boule de Neige objetivada por Lefranc se dá por meio do uso de muitos qualificativos de força e autoridade, colocando-o no topo de uma cadeia, a dos criminosos mais respeitados. Seu objetivo é reduzir Yeux-Verts a uma posição

ínfima de chefe; basta uma palavra do grande chefe e ele seria esmagado. Ou, ainda, se quisesse ter poder não resistira ao peso do cargo, como deixa entender nessa resposta dada a Maurice de que “Yeux-Verts, não resiste a isso!”, (GENET, 1998, p.18).

Essa verdade que ele passa de Boule de Neige também pode ser corroborada pelo vigilante que, durante a vistoria, aproveita para entregar os presentes enviados pelo grande chefe. Para que o vigilante faça isso, Boule de Neige deve exercer alguma autoridade/poder naquele espaço:

O vigilante: [...] (*ele procura em seu bolso do qual tira cigarros que dá a Yeux-Verts. À Yeux-Verts:*). É teu companheiro. É Boule de Neige que te envia os cigarros. [...] O Negro me encarregou ainda de te dizer que tu não deves fazer isso. Aquele lá é um verdadeiro companheiro pra você, (GENET, 1998, p. 77-88).

Nesses excertos vemos o movimento dos personagens em confinamento lutando por manter ou ascender a posições nesse lugar. Daí entendemos quando Foucault (1993) afirma que há que se compreender também esses mecanismos internos da instituição, pois se o poder se exerce pelos mecanismos oficiais que regem aquele lugar há também mecanismos internos próprios desses espaços como as lutas entre os prisioneiros que estabelecem suas regras de convívio. Quem as ignora não sobrevive muito tempo.

Assim, nos exemplos citados temos as disputas por uma posição no espaço da cela, mas também no espaço da prisão como um todo. Os prisioneiros precisam saber lidar com essas questões que o poder oficial aceita em certa medida. É a linha tênue em que o poder se movimenta. Em relação ao chefão, no jogo de verdades que se instaura, Yeux-Verts reconhece as qualidades do amigo e até aonde vai o exagero cujo fim é minar sua posição de autoridade; por isso afirma a Lefranc que Boule de Neige é o soberano daquela prisão, mas muita coisa sobre ele é inventada: “[...] Não creia que ele me impõe isso. Seus crimes são, talvez, vento” (GENET, 1988, p.20). O que coloca Yeux-Verts como homem temido é o fato de haver cometido um assassinato assim como Boule de Neige. A verdade é questionada em seus efeitos, ou seja, Yeux-Verts sabe que nem tudo o que é dito é verdade e também sabe o efeito pretendido pelo companheiro, conquistar uma posição naquele domínio.

Jean Genet ao colocar em cena o espaço da prisão nos convida a olhar para o mundo desses homens infames, por outro ângulo, ou seja, pela disputa que se trava pelo poder nesse microcosmo. Não questiona o sistema que isola esses indivíduos da sociedade e nem os fatos que os colocaram ali. Os sujeitos não negam sua personalidade criminosa; assumem-na com convicção. Genet dá visibilidade às relações de poder desses sujeitos excluídos que reclamam uma existência, mesmo a do pária.

Considerando que a sociedade constrói esses espaços para separar os indivíduos transgressores das leis, percebemos no excerto apresentado que ela não garante sua sobrevivência nesse ambiente que lhe foi destinado. A luta para manter a vida é diária. A esse respeito, Foucault afirma em *Microfísica do poder*, (1993, p.132) no capítulo sobre as prisões, que as instituições criadas com esse fim não transformam os indivíduos em pessoas melhores, ao contrário, cria novos criminosos ou afunda-os ainda mais na criminalidade, como já fora dito e como pudemos ver nestes excertos.

Considerando as reflexões de Foucault (2001) a respeito das utopias e das heterotopias e que, em muitos momentos esse lugares se cruzam, podemos considerar o espaço da prisão entre esses limiares, ou seja, ele também se torna utópico na medida em que há um discurso vigente no qual o sujeito isolado do convívio social deve melhorar sua conduta pela privação de algo que possuía, a liberdade. Todavia, o texto de Genet nos mostra que há um acirramento de lutas para se ocupar uma posição naquele espaço de confinamento, sobrevivendo aqueles que conseguem estabelecer relações de poder com seus pares, como o faz o personagem Yeux-Verts e Boule de Neige. O excerto que segue discorre sobre a vistoria do vigilante na cela onde se encontram os três prisioneiros. Nele se delineia as relações de poder da instituição sobre os detentos, mas apresenta também aquelas que são exercidas pelos pares.

Vigilante: eu vou vistoriar (*ele examina a cela*) está tudo em ordem aqui?

Lefranc: Tudo está em ordem, o Senhor bem o vê.

Vigilante à *Lefranc*: (*ele designa a cama desfeita*). Responda? (*silêncio*) você não responde? Eu te pergunto, porque a cama está desfeita?

Longo silêncio

Yeux-Verts, à *Maurice e à Lefranc*: Vocês dois? Vocês não sabem nada? Responda-lhe se foram vocês. É preciso ser franco, o chefe não vai fazer histórias.

Lefranc: Não sabemos tanto quanto você.

Vigilante (*sempre sorrindo*): Isso me espantaria. A franqueza os sufoca. [...], (grifos do autor), (GENET, 1988, p.73-75)

Nas relações dos prisioneiros com a instituição, sabe-se que eles devem respeitar as regras que determinam comportamentos e condutas sobre os corpos. Mas há também as regras criadas por seus pares. Oficialmente, essas regras internas criadas pelos prisioneiros não existem. São utopias dentro de uma heterotopia. O conjunto das normas, regimentos, leis que disciplinam os corpos fazem parte do dispositivo da prisão e, nesse sentido, é um espaço legitimado. Mas se considerarmos o exemplo do espelho dado por Foucault para explicar o limiar desses espaços que se entrecruzam, compreenderemos seu funcionamento. O exemplo da vistoria realizada pelo vigilante permite visualizar esse limiar em que

os espaços heterotópicos e utópicos se cruzam. As regras da instituição impõem aos prisioneiros a manutenção da ordem em suas celas, ou seja, é um elemento da heterotopia que regulamenta esses lugares. Porém, o vigilante ao encontrar uma cama desarrumada quer saber quem é o responsável. Nesse ponto, entram em funcionamento as regras dos prisioneiros. No espaço virtual em que se movem, eles sabem quem é o responsável, mas não dizem. Há um embate porque, ao seguirem as regras institucionais e dizerem a verdade, eles serão punidos pelas regras dos pares. E, ao contrário, se seguirem as regras dos pares, calando-se, serão punidos pela instituição. O espaço heterotópico e utópico se cruzam num embate de forças em que o sujeito Lefranc é confrontado pelos poderes que regem esses dois lugares dominados por duas autoridades, o policial e Yeux-Verts.

Há que se fazer uma escolha, em que posição do jogo o sujeito quer se colocar e, de qualquer forma, enfrentar as consequências de seu ato. Na cena em questão, o personagem Lefranc escolhe ser punido pela instituição porque a pena é mais leve do que aquela imposta por seus comparsas. Ir contra os companheiros seria colocar-se fora daquele espaço virtual que, de algum modo, também disciplinam seus corpos mantendo-os vivos.

Para continuar ampliando a compreensão de como a organização dos espaços está relacionada à posição que os sujeitos aí ocupam, pensamos que dois outros princípios podem ser abordados em relação à obra de Genet. Trata-se do quinto princípio que fala dos lugares que são regidos pelo sistema de abertura e fechamento e do sexto princípio que aborda os lugares que representam ilusões ou compensações.

5.2 Heterotopia de abertura e fechamento e de ilusão

No quinto princípio, no sistema de abertura e fechamento, Foucault afirma que esse tipo de espaço é organizado de forma que nem todos entrem em seus domínios. Ao mesmo tempo que é fechado, esse espaço é penetrável, mas dele não se entra ou sai com facilidade. Não é um espaço comum a todos. Ele cita como exemplo, lugares como as casernas, lugares religiosos cujo objetivo é manter o sujeito isolado com vistas a sua purificação e a prisão, tema desse estudo.

Para ser preso, o sujeito deve ter cometido algo ilícito, como a violação das leis, por exemplo, sendo, por isso, obrigado a ficar nesse lugar isolado. Em *Haute surveillance*, embora o foco seja as disputas pelo espaço dentro da prisão, à medida que o enredo se desenrola somos confrontados pelos crimes que colocaram aqueles sujeitos em isolamento. Todos ali sabem quais são os delitos, mas ao ser discursivizado novamente pelos seus mentores, cada um deles procura caracterizar-se como sujeito de poder, mesmo que os crimes sejam diferentes em sua natureza.

Primeiramente, tomamos como exemplo o personagem Yeux-Verts: ele conta como o desejo de matar apoderou-se dele e, quando se deu conta, não havia mais volta. Mas antes desse gesto fatal, ele se apresenta como um sujeito alegre: “Com minhas flores, sempre com uma flor entre os dentes ou na orelha no lugar do cigarro! Chamavam-me de [...] Paulo, dentes floridos!”, (GENET, 1988, p.50). Uma jovem o seguiu, seduzida pelo seu charme, querendo pegar sua flor. Ele a levou para seu quarto e ali assassinou-a. Essa flor o caracteriza, torna-se um símbolo de sua individualidade, mas é também o que permitirá que seja descoberto e preso.

No excerto a seguir vemos o personagem Yeux-Verts rememorando os fatos de sua desventura, numa posição fragilizada enquanto ainda é fugitivo para, em seguida, examinar-se na posição de prisioneiro e, consciente de seu crime, caracterizar-se como sujeito forte e valente.

Yeux-Verts:[...]Eu vi o perigo, mas felizmente depois. Vocês me compreendem? O perigo de me encontrar na pele de um outro. E eu tive medo. Eu quis voltar atrás. Pena! Impossível! Eu fiz esforços. Ia de um lado para o outro. Torturava-me. Eu tentava de todas as formas para não tornar-me um assassino. [...]Eu queria voltar no tempo, desfazer meu trabalho, reviver até antes do crime. [...]Eu me reconstruo. Eu colo meus pedaços. Eu me refaço em novo. Eu me torno mais forte, mais forte que uma fortaleza. Eu sou a fortaleza. Em minhas celas eu guardo musculosos, bandidos, soldados, saqueadores! Fiquem atentos! [...], (GENET, 1988, p.62-71).

Neste ato confessional, Yeux-Verts vai constituindo sua subjetividade e se posicionando aos comparsas numa relação de poder diante deles .

De acordo com o quinto princípio, a prisão enquanto espaço fechado, torna-se penetrável por aqueles que cumprem alguns ritos que são próprios para poder adentrar esse lugar. Através do exemplo de Yeux-Verts, vemos cumprirem-se os gestos que o levaram à prisão, ou seja, como se tornara um criminoso. Yeux-Verts, num gesto impensado, assassinara uma jovem, criando para si as características que o qualificaram como apto a ocupar aquele lugar. Ao acompanharmos o enredo de *Haute surveillance*, vemos também delineados os gestos dos outros companheiros de cela, Maurice e Lefranc, presos pela prática do roubo.

Já, Maurice se considera um rapaz esperto ao dizer: “Eu sou aquele que consegue passar por todos os buracos” e essa característica além de levá-lo ao cárcere, dá-lhe uma posição, que ele tem como poder, junto aos demais.

E, Lefranc, o outro detento, aos olhos da instituição é um condenado, mas com pena mais leve e, por isso, está prestes a deixar o lugar. Aos olhos da instituição seus gestos de ladrão não o classificam como sujeito perigoso que deve ficar em isolamento, mas como dentro da prisão temos o espaço virtual determinado pelas leis dos prisioneiros, Lefranc também é excluído desse lugar, daí advém a luta que ele trava com Maurice para conquistar um lugar nesse ambiente. Sua posição frágil, diante da relação de poder entre ele e os comparsas, o coloca fora dos dois sistemas.

O caso de Lefranc vai de encontro ao que Foucault afirma sobre os casos de delinquentes que a sociedade suporta fora das casas de correções. São delitos leves cujo prejuízo a sociedade aceita pagar porque tem outras formas de compensação. Desse modo, Lefranc está no limiar de dois sistemas heterotópicos, o do desvio, quando se encontra confinado, e o sistema comum, pois sua saída daquele lugar já está marcada. Mas os estudos de Foucault, em *Microfísica do poder* (1993), também apontam para outra realidade, o fato de as prisões produzirem mais delinquentes e Lefranc exemplifica essa afirmação. Esse personagem situado no limiar dos dois lugares procura se subjetivar como criminoso perigoso e, assim ser aceito nos dois sistemas, mas principalmente junto ao grupo de Yeux-Verts e Bouge de neige. Primeiramente, para ganhar a confiança dos colegas, ele procura colocar-se entre seus pares, enfrentando-os em suas verdades; tenta diminuir Yeux-Verts em relação a Bouge de Neige. Ele também enfrenta Maurice que não o deixa se aproximar de Yeux-Verts e somente quando demonstra por suas tatuagens que pertence a grupos violentos é que é aceito pelo líder e que Yeux-Verts decide guiá-lo, produzindo-lhe a certeza de que aquele lugar, a cela é o seu lugar perfeito.

Foucault explica o sexto princípio (2001, p.420-422) como forma de organizar o espaço no modo da ilusão e da compensação, ou seja, da ilusão porque o sujeito idealiza esse espaço como perfeito, um lugar que lhe propicia algo incomum que não encontra nos demais lugares, um local para se renovar. Assim, são lugares que existem e são ocupados esporadicamente ou desejados pelos sujeitos, como exemplo, o filósofo cita os lugares de veraneio e as colônias.

Acreditamos que o conceito heterotópico da ilusão pode ser deslocado de sua imagem real para entender o caso de Lefranc também. As histórias desse personagem não são verdadeiras, suas tatuagens são falsas. Ele cria uma ilusão de que é um bandido perigoso e temido e também ocupa um espaço que condiz com a ilusão que tem de si, mas é desmascarado pelo companheiro Maurice: “Tu és falso. Falso até a moela. Falsa tua história do barco e tuas marcas no pulso, falsos tuas tatuagens, falsas tuas raivas, falsa tua franqueza. Tu te vestias, tu te adornavas de nossas belezas, tu roubas nossos crimes!”, (GENET, 1988, p. 105-106). Ele vive o limiar desse espaço ilusório porque, por um momento, Yeux-Verts acreditou em suas aventuras no mundo do crime e se propôs a guiá-lo, mas Maurice que não quer perder seu espaço junto a Yeux-Verts, desmascara-o e o traz de volta à outra realidade também utópica, mas que rege os comportamentos. É no espaço de ilusão que ele se movimenta por um tempo dentro da prisão, que busca subjetivar-se como bandido de respeito entre os demais.

Entendemos como heterotopia da ilusão porque segundo Foucault, é um espaço que o sujeito ocupa temporariamente para renovar-se ou viver como lhe aprouber, como nos bordeis. Para Lefranc, esse lugar vai proporcionar-lhe o que ainda falta

para tornar-se bandido de respeito. Mas não é um espaço que se pode ficar por muito tempo, como afirma Foucault, e para sair desse espaço de fronteira em que se encontra, Lefranc não vê outra saída que não seja aquela que o iguala a Yeux-Verts: não suportando as investidas de Maurice, mata-o. É a partir desse momento que ele sai do espaço de fronteira que ocupava tanto na descrição do quinto e sexto princípios e vai ocupar o espaço daqueles que são confinados porque são perigosos e, também será temido pelos colegas de prisão.

Por outro lado, o sexto princípio, da ilusão, nos permite olhar ainda para o personagem Yeux-Verts que aguarda julgamento para ser enforcado ou deportado. Seu caso nos remete a um fato histórico que é a extradição de prisioneiros para outras colônias, muito comum em períodos anteriores ao século XX em toda a Europa. Muitos detentos franceses eram enviados para a Guiana Francesa e, na literatura, existe uma romancização em torno dessa deportação. Mesmo sendo outra prisão, há uma ilusão de que será diferente, de que há a possibilidade de começar nova vida, talvez regenerar-se. Na literatura francesa, um dos primeiros romances a tratar do tema do expatriado é *Manon Lescaut* (1731), de Antoine-François Prévost, cuja heroína, prostituta, é deportada para as colônias americanas. Na peça de Genet, o prisioneiro deseja ser deportado e a Guiana Francesa representa uma esperança de não ser enforcado, como vemos em sua fala: “Boule de Neige, ele me acompanha, me encoraja. Juntos iremos à Cayena, se sairmos e se eu me livrar da forca, ele me seguirá”, (GENET, 1988, p.13). Nesse sentido, esse lugar-outro representa uma ilusão. Ele existe, é desejado como uma espécie de repouso, de refazimento de forças, de renovação, como sugere Foucault para os lugares de veraneio que os indivíduos desejam e vão para se renovar mesmo que seja por curto período. Entendemos o desejo de Yeux-Verts como ilusão porque se ele for deportado ainda assim, continuará sendo prisioneiro.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haute surveillance nos oferece um panorama das relações de poder que se estabelecem nas prisões e os modos como seus mecanismos funcionam. Considerando o dispositivo da prisão, todos os três detentos devem seguir suas regras, se movimentarem dentro da dinâmica estabelecida pela instituição, como o banho de sol, respeitar os horários das visitas, respeitar os vigilantes, etc. porque sobre eles existe o peso da instituição, do poder que os colocou ali, que os classificou como perigosos para a sociedade, por isso, sua reclusão num espaço apropriado. Nesse aspecto entra em funcionamento a heterotopia do desvio que separa os indivíduos incapazes de conviver em sociedade, criando-lhes um espaço próprio.

Todavia, como afirma Foucault, todos estão numa relação espacial, logo,

não há como isolar os três detentos; de uma forma ou de outra, haveria o peso da instituição sobre suas cabeças, obrigando-os a adotarem certos comportamentos com vistas ao regime em que estão circunscritos. Eles são produtos daquele meio e também contribuem para sua permanência. Na peça, podemos ver a relação que estabelecem com o micro e com o macrocosmo. As disputas pelo poder que ocorrem no cárcere têm sua ressonância no todo, porque existe um poder que os subjuga, seja da instituição seja de Boule de Neige, seja de Yeux-Verts. Logo, temos dentro da prisão as utopias, espaços que só existem em relação às heterotopias, ou seja, são os espaços criados virtualmente pelos detentos.

Pelos excertos recortados, pudemos ver que eles se movimentam nessas duas zonas, a que diz respeito à instituição e àquela que diz respeito às regras criadas pelos prisioneiros que também determinam comportamentos de corpos. É dentro desse complexo que todos têm que se movimentar respeitando as regras gerais que nem sempre os protegem das armadilhas daquele espaço. Se o poder que os coloca ali não cumpre sua função de proteção, abre espaço para que internamente se criem outras regras de sobrevivência. Assim, compreendemos as lutas pelo poder travadas entre Lefranc e Maurice que buscam incansavelmente uma posição que os mantenham vivos.

Então, o posicionamento dos sujeitos em espaços determinados e em determinados espaços não só os subjetivam como também instaura um olhar sobre o poder que, em âmbito micro e macro, tem como estratégia produzir saberes e outros novos poderes que resvalam na sociedade de todas as épocas e de todos os lugares num jogo em que as heterotopias produzem topias utópicas/atópicas e distópicas instauradas pelo dizer.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. **Les cahiers du chemin**, n. 29, 15 de Janeiro de 1977, p.12-29.

_____. **Microfísica do poder**. 11. ed. (Org. e trad. de Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1993, p.1-227.

_____. Outros espaços. In: Manoel B. da Motta (Org). **Michel Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos& Escritos III. Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 2001, p. 410-422.

_____. **Estratégias, poder – saber**. 2. ed. (Manoel Barros da Mota, Org.) Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.223-265.

GENET, Jean. **Haute surveillance**. Paris: Gallimard, 1988.

HUBERT, Marie-Claude. **Le théâtre**. Paris: Armand Colin, 2003.

REVEL, Judith. **Foucault – conceitos essenciais**. Trad. Carlos Piovezani *et al.* São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2005.

ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo**. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SARGENTINI, Vanice M. O. “Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso”. In: SOUZA, K. M. de e PIRES, H. (org) **Dispositivos de poder/saberem Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, Goiânia: UFG, 2015.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 6, 8, 29, 35, 36, 53, 54, 55, 58, 61, 62, 63

Audiovisual 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

C

Classes superiores 3

Comunicação 1, 31, 34, 35, 36, 38, 59

Cultura popular 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10

D

Descentralização 29, 30, 32, 33, 46, 51

Descoberta 3, 4, 5, 16

Dispositivo prisional 11, 13

E

Ensino superior 37, 38, 39, 40, 42, 43, 53

G

Gestão universitária 37, 44, 55, 56

Globalização 1, 38, 40

H

Heterotopia 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26

I

Idosos 58, 59, 62

Internacionalização 1, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 57

Investigação 1

J

Jean Genet 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21

L

Lei 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 49, 52

Lei da TV paga 29, 31, 34, 35

Leitura 7, 61

M

Mercado de trabalho 30

Metaplasmos 58, 59, 60, 61, 62, 63

Mobilidade acadêmica 40, 47

P

Peter Burke 2

Planejamento 46

Políticas públicas 29, 31, 34, 37, 47, 51, 52, 54

Povo 3, 4, 5, 10, 34, 40

Produção cultural 30

T

Tradição 1, 3, 4, 5

Transformação 1, 2, 6, 15, 42, 48, 58, 60, 61, 62, 63

U

Universidades 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 57

Utopia 11, 12, 17, 19

 **Atena**
Editora

2 0 2 0